

UMA AVALIAÇÃO PRELIMINAR DO DIÁLOGO ENTRE O PRAGMATISMO DE RICHARD RORTY E O FEMINISMO DE NANCY FRASER¹

A previous assessment of dialogue between Richard Rorty's pragmatism and the feminism of Nancy Fraser.

Nayara Barros de Sousa²

Resumo: O presente trabalho pretende resgatar o debate entre Richard Rorty e Nancy Fraser, ocorrido no início da década de 1990, especificamente a partir do texto *Feminismo e Pragmatismo* apresentado na *Tanner Lectures on Human Value*. Nesta conferência o filósofo discorreu sobre a possibilidade de conciliação entre o seu pragmatismo e o feminismo. Rorty aborda o feminismo enquanto *autocriação* da mulher através da “redescrição” mediante a manifestação poética, onde o filósofo encara as feministas como criadoras do novo. Em seguida, exporemos a crítica de Fraser, que trabalha sobre a proposta apresentada pelo pragmatista e que oferece suas próprias ideias dentro de uma concepção do feminismo como movimento democrático de massa. Ao final, uma breve avaliação das implicações das críticas e sugestões apresentadas por Rorty ao feminismo e também da resposta de Fraser.

Palavras-chave: pragmatismo, feminismo, crítica.

Abstract: This paper intends to rescue the discussion between Richard Rorty and Nancy Fraser, occurred in early 1990's, specifically as from the essay *Feminism and Pragmatism* presented in *The Tanner Lectures on Human Values*. In this lecture the philosopher spoke about the possibility of conciliation between his pragmatism and feminism. Rorty discusses feminism while *selfcreation* of woman through *redescription* by poetic manifestation, where the philosopher envisages feminists as creating the new. Then, expose the criticism of Fraser, who works on the proposal uttered by pragmatist and that offers her own ideas within a conception of feminism as a mass democratic social movement. Finally, a brief assessment of the implications of criticisms and suggestions presented by Rorty concerning the feminism and also about Fraser's response.

Keywords: pragmatism, feminism, criticism.

Introdução

No ano de 1990, Rorty propôs-se a dialogar com as teóricas feministas, tendo em mente a defesa de uma união entre a teoria pragmatista que ele desenvolvia e o pensamento feminista contemporâneo. Urdindo sua rede de argumentos, muitos dos quais com fundamentos bem desenvolvidos em obras anteriores a esta proposta, como no livro *Filosofia e o espelho da natureza* e no livro *Contingência, ironia e solidariedade*, Rorty expõe sua sugestão de que seria mais útil às feministas fazerem uso do seu tipo de concepção teórica,

¹ Texto baseado na comunicação apresentada na III Jornada de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí. Bolsista CAPES. E-mail: naybsousa@yahoo.com.br

do que daquelas fundadas em perspectivas universalistas ou realistas. Ele também tenta diferenciar sua proposta daquelas que se alinham com as correntes ditas “pós-modernas”.

Desta proposta, seguiu-se uma série de críticas, com uma ou outra concordância da parte das feministas que se dispuseram ao diálogo com Rorty. Aqui, contudo, nos concentramos na apresentação dos argumentos de Nancy Fraser, que questiona a sugestão rortyana.

A proposta rortyana de conciliação entre a teoria pragmatista e as teorias feministas contemporâneas

Richard Rorty, no ensaio *Feminismo e Pragmatismo*, inicialmente resgata as palavras da feminista estadunidense Catherine MacKinnon, onde esta, referindo-se à ascensão de duas juízas à Suprema Corte do estado de Minnesota, faz a seguinte provocação: “Elas usarão os instrumentos legais como mulheres para todas as mulheres?”³.

A partir desta interrogação, Rorty prossegue com sua crítica às abordagens universalistas que preconizam que “as verdades” já estariam disponíveis, acessíveis por meios racionais, restando a nós apenas o trabalho de seu “reconhecimento”. Adotar esta perspectiva seria negar sentido à esperança de MacKinnon, quando esta defende a voz da mulher como capaz de dizer algo que nunca foi dito, o novo a ser trazido por esta “voz diferente”^{4 5}, a partir da ascensão das mulheres aos lugares de poder, onde elas finalmente seriam ouvidas, opção que claramente Rorty não faz.

Assim, seguindo aquela linha de compreensão, temos que a necessidade do lugar de poder para as mulheres traz também a necessidade da expansão de uma lógica espacial ou espaço do que é realizável⁶, onde seria criada a oportunidade para se ouvir a voz nunca ouvida. Como decorrência da ampliação deste espaço, haveria a desconstrução de ideias mitificadas como a da feminilidade.

O feminino e a feminilidade, como concebidos tradicionalmente, estariam eivados do hegemônico (masculino), de seus desejos, de suas vontades e das consequências de seu domínio. Deste modo, ainda de acordo com MacKinnon, uma forma de concretizar a ampliação desta lógica, seria ouvirmos o que as mulheres enquanto mulheres têm a dizer. Ela defende, por decorrência disto, que as feministas devem procurar “alterar o banco de dados da teoria moral”⁷ e não apenas trabalhar com princípios forjados antes de sua participação no processo de determinação destes. Esta alteração, vê-se mais adiante, provoca a “criação da mulher”.

A “criação da mulher” é a redescritção do gênero por ele mesmo, através do uso de uma nova linguagem, não só nova em termos de palavras, mas no uso abusivo da linguagem, de modo que represente, também, uma mudança de sentido em palavras aparentemente corriqueiras, pautando-se nisto a proposta de Rorty .

Deixando clara sua rejeição à tradição filosófica que gira em torno da questão “aparência-realidade”, ele defende que “não existe mal intrínseco na escravização das humanas mulheres pelos humanos homens”⁸, afirmação que soa chocante aos ouvidos de

³ MACKINNON, Catharine A. *Feminism Unmodified: discourses on life and law*. Cambridge: Harvard University Press, 1987. p.77

⁴ Cf. GILLIGAN, Carol. *In a different voice: women's conceptions of self and of morality*. In: MEYERS, Diana T. *Feminist social thought*. London: Routledge, 1997, p. 548-582.

⁵ Cf. KYMLICKA, Will. *Filosofia Política Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.303-373.

⁶ Cf. GHIRALDELLI, Paulo. Introdução. In: RORTY, Richard. *Pragmatismo e política*. São Paulo: Martins, 2005, p. 19.

⁷ MACKINNON *apud* RORTY, 1990, p. 05

⁸ RORTY, Richard. *Feminism and pragmatism*. In: *The Tanner Lectures on Human Values*. Michigan: University of Michigan, 1990. < Disponível em: <http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/documents/rorty92.pdf> > Acesso em: 11.06.2011. p. 10.

uma filósofa universalista. Mas é esta compreensão de que não existe este mal intrínseco que abre possibilidade à ideia de substituição de práticas, ou hábitos em termos deweyanos⁹. Temos, então, que esta prática de dominação de gênero foi sofrendo uma rejeição gradativa e sendo substituída por outras, que o feminismo presentemente tornou possível ou “imaginável”, residindo aí a demonstração de seu protagonismo na criação da mulher.

É por isto que Rorty conclui que seu tipo de pragmatismo conforma-se melhor com o tom profético que acredita ter percebido na teoria feminista, muitos mais do que qualquer perspectiva do universalismo filosófico. Isto porque, a crítica feita pela teoria feminista necessita da possibilidade do novo, da ampliação da lógica espacial, o que, seguindo as premissas do universalismo, não seria possível. Cabe aqui destacar, o que o filósofo pragmatista entende como profecia, que seria “tudo o que movimentos políticos não violentos podem recorrer quando os argumentos falham.”¹⁰

Além disso, a necessidade de ampliação do espaço moral se coaduna com a confiança no progresso moral, adotada pela perspectiva pragmatista, onde o surgimento e a consolidação da nova voz correspondem a mais um marco que demonstra este progresso.

Rorty, feminismo e “pós-modernos”

Algumas filósofas feministas nos alertam contra a aceitação irrefletida do tipo de crítica feita ao universalismo e realismo pelos filósofos que se enquadrariam no que se vem admitindo chamar de “pós-modernismo”. Para filósofas feministas como Sabina Lovibond, por exemplo, não parece proveitoso descartar a possibilidade de se buscar realizar o prometido nas grandes metanarrativas, quando ainda se tem tanto caminho a percorrer em direção a um mínimo de emancipação que é possível por meio delas- e que ao outro gênero já estariam em um processo muito mais avançado de realização¹¹.

Desconstruir ou abandonar ideias como “direito”, “justiça” ou “humanidade” reflete o preconizado pelos que são enquadrados como “pós-modernos”, quando estes nos convocam para deixarmos de lado as “metanarrativas emancipatórias”. Porém, se a meta torna-se abandonar conceitos como “direito”, “justiça” e “humanidade” e tudo o que eles ainda hoje implicam, como defender a possibilidade de que a mulher seja bem sucedida em ser “a voz que, não silenciada, pode dizer algo que nunca havia sido ouvido”, se não forem utilizadas as arenas de poder a que os termos “direito”, “justiça” e “humanidade” fazem referência na prática?

Até certo ponto, Rorty se alinha com parte da crítica que Lovibond realiza, direcionada aos filósofos tidos como “pós-modernos”, especialmente no que toca aos seus excessos. Ele, por exemplo, discorda do que chama de “retórica do desmascaramento” do hegemonicamente posto, que seria uma das marcas deste suposto período pós-moderno que vivemos.

Rorty compreende, também, a dificuldade das feministas abandonarem por completo as ideias de “direito”, “justiça” e “humanidade”. Ele demonstra isso, ao admitir a utilização do que ele chama de “universalismo vulgar”, retórico, por estas feministas, com vistas a marcar posição em discussões políticas. Ainda assim, o filósofo acredita que o pensamento pragmatista, poder-lhes-ia ser algo muito mais útil, mesmo diante da necessidade deste tipo de estratégia.

Neste sentido, Rorty destaca, mais uma vez, o pensamento de MacKinnon onde este coincide com suas ideias, quando a teórica alega que o feminismo busca demonstrar o

⁹ Cf. LaFOLLETTE, Hugh. Pragmatism ethics. In: LaFOLLETTE. *The blackwell guide to ethical theory*. Oxford, Blackwell Publish, 2000.

¹⁰ RORTY, 1990, p. 10.

¹¹ *Idem*, p. 11-12

ponto de vista da mulher, em detrimento de qualquer tentativa de *objetividade*¹². Poderíamos acrescentar, ainda neste aspecto, o abandono de qualquer tentativa de *neutralidade*, já que se procura deliberadamente a perspectiva da mulher nas situações concretas, com vistas a permiti-las “conseguir o poder que não têm no presente” e a construir “sua própria identidade enquanto mulheres”¹³. Tendo em mente que o pragmatismo se afasta de teoria fundacionistas aliadas do universalismo, o autor tenta apresentá-lo como uma espécie de armamento extra às feministas, para que estas tenham como defender-se mais eficientemente aos ataques mais comuns que sofrem, como a de que seus objetivos não são naturais, sendo ainda estes tomados como irracionais ou exagerados.

A utopia, as profetizas e a poesia: a construção de um novo vocabulário

Rorty, ainda em sua discussão acerca da aproximação entre pragmatismo e feminismo, destaca os utopistas, enquadrando os pragmatistas dentro desta categoria. Utopia, “u-topos” ou o “não-lugar” (ainda). É neste lugar, enquanto possibilidade, que o filósofo abre espaço para defender a imaginação, afirmando que tal recurso pode ser entrevisto nas palavras de feministas como MacKinnon e Frye, onde esta última entende que “ousar confiar em nós mesmas a dar um sentido e nos imaginar a nós mesmas como capazes (...) de urdir a teia de sentidos que nos envolverá em algum tipo de inteligibilidade”¹⁴.

Em seguida, tem-se uma rara citação de Dewey sobre as mulheres, relevante para esta discussão, posto que é sobre o pensamento deste outro pragmatista que Rorty veio buscando construir sua proposta teórica de aproximação com as teorias feministas contemporâneas:

As mulheres ainda têm feito pouca contribuição filosófica, mas quando as mulheres que não são meras estudantes de outras personagens filosóficas se propõem a escrever, nós não podemos conceber que isto terá o mesmo ponto de vista ou teor do que é composto o ponto de vista da diferente experiência masculina das coisas. Instituições, costumes de vida, reproduzem certa sistematização de predileções e aversões. (DEWEY Apud RORTY, 1990, p-21)

A partir desta ideia de Dewey, Rorty defende que o indivíduo subordinado não aceite “a descrição da realidade” de seu dominador e nem “trabalhe dentro dos limites de seu universo moral”. Para isto, o indivíduo dominado deve fazer valer-se da ferramenta estratégica da imaginação, construindo sua própria identidade e moldando sua própria moral, a partir de sua própria vontade.

O pragmatista entende, assim, que só agora se começa a construir a identidade moral das mulheres e que, até pouco tempo atrás, afirmar a identidade moral de mulher significava a mesma coisa que um escravo ou escrava reivindicar sua identidade moral enquanto escravo ou escrava.

Sua explicação deste domínio repousa bem distante de qualquer ideia de subjugação natural a que esta ou aquela categoria de indivíduos estaria predisposto. Para ele, o domínio exercido expressa-se e reforça-se através da linguagem. É através dela que o senhor mantém seu controle sobre o escravo, mesmo que este não possua correntes em seus pés, ou sua pele marcada a ferro. É sob esta condição, que o que se entende por mulher estaria aprisionada, antes das feministas começarem a quebrar estas cadeias invisíveis, dando início ao processo de construção da mulher.

¹² MACKINNON apud RORTY, 1990, p.13-14

¹³ RORTY, 1990, p. 14.

¹⁴ FRYE apud RORTY, 1990, p.20

Mas como tornar mais eficiente a construção desta nova linguagem, desta nova mulher? Pela poesia. Rorty propõe a poesia como catalizadora deste processo, enquanto forma de auto-descrição. Historicamente, esta opção tem funcionado para os homens, então, por que não funcionaria para as mulheres? Aqui, o pragmatista sugere a possibilidade das mulheres também se utilizarem da poesia para se redescobrirem como heroínas, utilizando uma nova linguagem, resultando em algo que até então parecia loucura.

Para isto o filósofo deseja que as mulheres organizem-se em “clubes”, (tal como foi a Academia de Platão), para que “experimentem formar novas maneiras de falar e reunir a força moral para sair porta a fora e mudar o mundo”¹⁵. Com isto, sua autoridade semântica pode ser continuamente ampliada, inicialmente sobre seus membros, mas com expectativa de que ultrapasse as fronteiras e atinja mesmo os seus dominadores com o passar das gerações, onde estes poderiam passar a visualizar suas próprias filhas como integrantes daquele grupo, daquele clube¹⁶.

É por isto que há, na conferência, a defesa de que feministas como as mencionadas ao longo da apresentação sejam vistas como profetizas, já que trazem, em sua luta e elaboração teórica, as marcas do novo, da nova linguagem que dá nascimento ao ser mulher. As feministas seriam, portanto, portadoras das boas novas do progresso moral, onde “a distinção entre homens e mulheres não teria tanto interesse”¹⁷.

A resposta de Nancy Fraser à proposta de Richard Rorty

Fraser, esboçando sua resposta à exposição de Rorty, passa a se questionar se, de fato, ele sugere que os filósofos pragmatistas se conformem com o papel secundário que sua proposta parece lhes dar, onde estes apenas dariam às mulheres as ferramentas argumentativas suficientes, para que possam ser as atrizes principais no palco da história¹⁸.

A filósofa, transferindo a análise da explanação para o cenário do público e do privado, tão caro para algumas abordagens feministas contemporâneas, entende que “(...) Rorty está de fato oferecendo fazer o trabalho doméstico, de modo que fiquemos livres para a atividade histórico-mundial na esfera pública”¹⁹. Fraser desconfia de tão generosa proposta.

Na exposição do pragmatista, temos uma situação tal, que feministas como a própria Fraser, ou Frye, simplesmente deixariam de ser filósofas e passariam a ser algo aparentemente melhor, superior, sobre-humano: profetizas. A feminista entende que seguir este viés sugerido pelo pensamento rortiano é continuar a colocar as mulheres em um altar, como têm sido feito historicamente, com consequências nem sempre positivas para estas²⁰.

A partir daí, Fraser passa a tratar do modo como Rorty qualifica a “prática feminista enquanto inovação linguística aos modos de uma profecia”, isto dentro de uma perspectiva maior, que é aquela desenvolvida por ele a respeito de práticas linguísticas inovadoras, contida em algumas de suas obras como no livro, *Contingência, ironia e solidariedade*. Fraser identifica nesta temática rortiana, a existência de uma “visão dicotômica do espaço cultural e discursivo”²¹.

Esta dicotomia pode ser notada, de acordo com a autora, já na diferenciação ontológica feita entre discurso normal e discurso anormal, em obras como *Filosofia e o*

¹⁵ RORTY, 1990, p. 30.

¹⁶ *Idem*, p.31;

¹⁷ *Ibidem*, p. 35

¹⁸ Cf. FRASER, Nancy. *From irony to prophecy to politics: a response to Richard Rorty*. Michigan Quarterly Review, vol. XXX, n. 2, 1990, p 260.

¹⁹ FRASER, 1990, p.260.

²⁰ Cf. *Idem*.

²¹ FRASER, 1990, p. 260-261

*Espelho da Natureza*²², no qual podemos compreender esta diferenciação a partir de um modo peculiar que o filósofo percebe a esfera pública e a esfera privada. Ter-se-ia como algo equivalente à esfera pública, na interpretação fraseriana de Rorty, aquele local onde encontramos a *solidariedade* e a *utilidade* e onde jamais os interesses próprios de libertação e autocriação poética poderiam ser postos em prática, se isto significasse deixar de lado as práticas linguísticas da comunidade.

Já a esfera privada, teria por correspondente uma *esfera estética*, onde haveria o livre exercício da criação poética e da língua, conseqüentemente. Um espaço reservado para que a poesia aconteça, onde a criação individual se mantenha afastada das práticas sociais (que correspondem à esfera pública).

No entanto, a feminista observa que, a partir do momento em que Rorty passa a enfrentar a problemática da questão de gênero da perspectiva das teorias feministas contemporâneas, esta dicotomia simplesmente desaparece. Isto ocorreria porque as questões levantadas pelas feministas requerem uma “redescrição” de alcance mais amplo do que o nicho que a elas foi reservado originalmente pelo filósofo: tanto englobam aspectos do discurso anormal ou poético, como tocam questões que se encontram nos alicerces das práticas sociais. Assim, para a filósofa, ao decidir percorrer o caminho da “reconstrução de si”, no que tange ao feminismo, temos a “redescrição” rortyana alinhada com a ideia de “transformação política.”

Tem-se aí a intenção de Fraser em apontar uma reconfiguração da teoria rortyana ao destacar o impacto considerável que esta teria sofrido ao ser exposta às exigências, às teorias e às lutas do feminismo contemporâneo. Ou seja, neste contato, as teorias feministas terminam por interferir na própria ferramenta com que foram apresentadas- o pragmatismo rortyano- modificando-a.

A filósofa conclui disto que Rorty teve em mente apontar o caminho “da ironia à profecia”, mas que após concluir sua proposta, esta teria dado margem ao que a filósofa chama de caminho “da profecia ao feminismo político”²³. A filósofa vem preencher, assim, a lacuna que entende ter sido deixada por Rorty. E não só preencher, mas ultrapassar a proposta, dentro do próprio pragmatismo.

A filósofa lembra que, assim como seu par pragmatista, também não se alinha com a perspectiva universalista, preferindo adotar uma abordagem historicista de construção de novas identidades, novas sensibilidades. Além disso, Fraser, do mesmo modo que Rorty, lembra que também coloca a reconstrução da linguagem no palco principal de suas ideias. Entretanto, sua abordagem pretende ser mais “sociológica, institucional e coletiva” do que a intentada por Rorty. Seu desacordo com este, admite, ocorre dentro do próprio pragmatismo. Em um escrito anterior, ela havia tornado mais explícita sua posição em relação ao pragmatismo:

Em “Solidarity or Singularity? Rorty between Romanticism and Technocracy” (1989), Fraser define melhor o que ela adota no seu pensamento da filosofia pragmatista. No final desse ensaio ela fornece uma receita para o que seria um pragmatismo democrático–socialista-feminista e fala sobre cada um de seus ingredientes. Apesar de neste ensaio criticar a posição liberal e androcêntrica de Rorty, aceita um grau zero de pragmatismo como importante. *Segundo ela, o pragmatismo é uma visão antiessencialista com respeito aos conceitos da filosofia tradicional, tais como razão, verdade, natureza humana e moralidade. O pragmatismo considera que tais categorias são construídas historicamente e socialmente. Mas é preciso radicalizar a democracia e não acreditar que suas instituições sejam autorreguladoras e imparciais, posição adotada pelo melhorismo pragmatista.* (CASTRO, Susana. Nancy Fraser e a teoria da justiça na contemporaneidade, 2010. fl.07) (itálico nosso)

²² Cf. RORTY, Richard. *Filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p.366- 386.

²³ Cf. FRASER, 1990, p.262-263.

Deste modo, a filósofa parte para sua contraproposta, a partir da questão da construção da "identidade moral da mulher enquanto mulher".

A autora firma-se ao lado das feministas que, concluíram pela existência da identidade moral feminina ao longo das épocas, a partir de pesquisas empreendidas com esse intuito²⁴. Ainda que tais identidades apresentassem aspectos que depunham contra a própria condição da mulher em termos de libertação do domínio masculino, como "a ideologia vitoriana do culto à feminilidade pura", onde o encastelamento da mulher em determinadas características a impediam de participar mais ativamente de uma possível descrição de sua própria identidade, esta mesma identidade, mais tarde serviria, através da ideia de superioridade moral da mulher, para justificar a luta das primeiras feministas contra a escravidão e pelo direito ao voto. Ou seja, conseguiu-se converter uma incapacidade em uma capacidade²⁵.

A partir deste entendimento, faz sentido a abordagem contemporânea do feminismo que busca redescrever as tradições femininas negligenciadas por uma visão masculina de mundo. Buscar nestas identidades passadas e nas manifestações de poder feminino ao longo da história dos seres humanos, possibilidades para a alteração da condição da mulher, onde esta ainda se encontra subjugada. Assim, segundo a autora, o que se teria é "a transformação da identidade moral feminina dentro da identidade moral feminista"²⁶. Por isto, pode-se dizer que a identidade moral feminina passou de uma concepção individual, a uma concepção coletiva.

Ainda dentro da questão da criação da mulher e também da semântica da autoridade para a criação do novo vocabulário com viés feminista, Fraser questiona: quem seria este grupo seletivo de mulheres que teriam legitimidade para impor algo neste sentido a todas as demais, diante de tamanha diversidade encontrada? Quando se opta por esta linha, surge a questão de se privilegiar determinados grupos de mulheres e conseqüentemente seus hábitos e desejos e demais manifestações em detrimento de outro grupo, eventualmente mais fraco, menos influente. Para a autora, o grupo dominante seria representado por mulheres brancas, de classe média e heterossexuais²⁷.

A filósofa, contudo, acredita na força da inovação linguística advinda de um grupo, mas defende que isto ocorra em um grupo que a construa a partir de uma prática social coletiva visando o nascimento de uma conscientização elevada (*consciousness-raising*) da categoria, o que é bem distante da ideia de Rorty, onde o projeto seria liderado por profetizas e poetizas de dentro de clubes exclusivos. Segundo a feminista, foi o que teria ocorrido nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos quando do surgimento de expressões como: sexismo, assédio sexual, estupro marital e estupro casual²⁸.

Fraser acredita que a criação deste vocabulário específico é fruto desta conscientização, onde: "Informada pela aspiração democrática de capacitação das mulheres para falar por elas mesmas, a conscientização ajudou a transformar a natureza da vida privada, da vida pública e a relação de uma com a outra." (1990, p.266).

Esta dimensão apresentada, de acordo com a filósofa, estaria numa sintonia muito mais afinada com o movimento feminista do que a sugestão de Rorty de um clube exclusivo, posto que traz em seu bojo o melhor da tradição democrática. A "contra-esfera pública", assim, seria o local de construção coletiva da "autoridade semântica", construção esta que se daria de modo crítico e democrático, ao contrário do que se teria a partir da

²⁴ Como as que Gilligan aponta no ensaio *In a different voice: women's conceptions of self and of morality*, já citado.

²⁵ FRASER, 1990, p. 264

²⁶ Idem.

²⁷ *Ibidem*, p.265

²⁸ *Ibidem*, p.266.

proposta de Rorty, em uma “imposição via pronunciamentos proféticos do topo da montanha”²⁹.

Conclusão

Quanto às críticas realizadas por Fraser, parece justo o alerta que a filósofa faz, dentre os contidos em sua sugestão, quanto à desvinculação política do feminismo que adotar sem restrições o pragmatismo oferecido por Rorty. Fraser destaca o caráter de movimento social do feminismo que não prescinde da prática política para provocar as transformações almejadas, sendo este o pecado cometido (apontado por ela) pelo filósofo em sua exposição sobre uma apropriação possivelmente desejada do pragmatismo pelo feminismo.

A filósofa, contudo, não descarta o pragmatismo como possível ferramenta teórica para a elaboração das teorias feministas, mas o considera, pelo menos nos moldes do que foi exposto por Rorty, como insuficiente para dar conta da complexidade das problemáticas levantadas pelo feminismo enquanto movimento e enquanto teoria, tendo em vista justamente a característica deste estar diretamente atrelado ao político e ao social, emanando destas esferas muitas de suas reivindicações. E lembrando da questão levantada no início do trabalho, residiria aí um importante *locus* de construção da mulher.

Contudo, a proposta de Rorty parece rica demais para ser descartada por estas refutações que são pertinentes, frise-se. Quando o pragmatista propõe a criação da mulher por ela mesma, ou *autocriação* através da construção de um novo vocabulário, está colocando nas mãos das próprias mulheres o sucesso de sua empresa. A partir daí, uma outra abordagem do feminismo seria possível. Todavia, por ora, nos limitaremos ao que foi exposto no que toca às críticas de Fraser, cumprindo o objetivo da proposta deste trabalho.

Referências

- CASTRO, Susana. Nancy Fraser e a teoria da justiça na contemporaneidade. In: *Revista Redescrições – Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-americana* Ano 2, Número 2, 2010.
- FRASER, Nancy. *From irony to prophecy to politics: a response to Richard Rorty*. Michigan Quarterly Review, vol. XXX, n. 2, 1990.
- GILLIGAN, Carol., In a different voice: women’s conceptions of self and of morality. In: MEYERS, Diana T. *Feminist social thought*. London: Routledge, 1997, p. 548-582.
- GHIRALDELLI, Paulo. Introdução. In: RORTY, Richard. *Pragmatismo e política*. São Paulo: Martins, 2005.
- KYMLICKA, Will. *Filosofia Política Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.303-373
- LaFOLLETTE, Hugh. Pragmatism ethics. In: LaFOLLETTE. *The blackwell guide to ethical theory*. Oxford, Blackwell Publish, 2000.
- MACKINNON, Catharine A. *Feminism Unmodified: discourses on life and law*. Cambridge: Harvard University Press, 1987. p. 70-77.
- RORTY, Richard. Feminism and pragmatism. In: *The Tanner Lectures on Human Values*. Michigan: University of Michigan, 1990. < Disponível em:

²⁹ *Ibidem*.

<http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/documents/rorty92.pdf> > Acesso em: 11.06.2011.

_____. *Filosofia e o espelbo da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p.366- 386.

Texto recebido em: 30/04/2012
Aceito para publicação em: 03/05/2012